

elevações excessivas de marcadores inflamatórios, e simular um quadro de abdome agudo. Portanto, a exclusão dos possíveis diagnósticos diferenciais e a identificação da doença de forma precoce são essenciais para o tratamento eficiente dessa síndrome potencialmente fatal.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101165>

EP-088

RELATO DE CASO - SÍNDROME DE KAWASAKI LIKE EM PACIENTE COM SUSPEITA DE MENINGITE

Melina Tavares Di Trani, Lais Aparecida Branco Zanchetta, Letícia Rufino Artuso, Mariana Longo Moraes, Mariana Santos Teixeira, Saulo Duarte Passos, Marcia Borges Machado

Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ), Jundiaí, SP, Brasil

Introdução: A doença de Kawasaki (DK) é uma vasculite rara caracterizada pela presença de febre alta persistente, exantema, linfadenopatia, hiperemia conjuntival, alterações nas mucosas e nas extremidades. Recentemente, observou-se o aparecimento da Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica (SIM-P), a qual compartilha características clínicas e laboratoriais com a DK. Estes casos normalmente ocorrem dias ou semanas após a infecção pelo SARS-CoV-2, sendo denominados de Síndrome de Kawasaki Like.

Objetivo: Relatar um caso de lactente de 9 meses com diagnóstico de Síndrome de Kawasaki Like possivelmente associada à COVID19.

Metodologia: Paciente feminina, 9 meses, iniciou há uma semana quadro de prostração, coriza hialina, obstrução nasal e febre, com suspeita inicial de bronquiolite. Devido a persistência dos sintomas, procurou atendimento em UBS, na qual foi diagnosticada com pneumonia e tratada com amoxicilina. Paciente evoluiu com rash cutâneo, sem prurido, de início em tronco e abdome, que se estendeu para face e membros. Também apresentava febre, diarreia, recusa alimentar e respiração ofegante, procurando o pronto socorro. Pai teve contato recente com suspeitos de COVID. No exame físico foi identificado exantema, roncos pulmonares, irritabilidade intensa, sem sinais meníngeos. Exames laboratoriais demonstraram anemia, leucocitose, neutrofilia com desvio à esquerda, aumento de PCR e hemoculturas negativas. Sob a suspeita de meningite, foi realizada coleta de líquido, que não mostrou alterações. Durante a internação, evoluiu com descamação dos lábios, edema em pés e gânglios palpáveis em região retroauricular. No raio-x identificou-se infiltrado intersticial e condensação. O ecocardiograma revelou sinais de pericardite e derrame pericárdico. O resultado do RT-PCR para SARS-CoV2 foi negativo e teste rápido IgG/IgM positivo. Iniciou tratamento com imunoglobulina, AAS e Ceftriaxona, com melhora gradativa do quadro, recebendo alta após 5 dias internada.

Discussão/Conclusão: O episódio prévio de infecções de vias aéreas e a evolução do quadro com manifestações clínicas semelhantes à meningite, ocasionaram uma dificuldade no diagnóstico e na conduta do caso. O principal desafio na

Síndrome de Kawasaki é o diagnóstico precoce, uma vez que o início do tratamento nos primeiros dias de sintomas altera a história natural da doença, ao diminuir os riscos de complicações, como aneurisma de coronária.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101166>

EP-089

CORONAVÍRUS EM SERGIPE: DESCREVENDO OS PRIMEIROS SEIS MESES DA DOENÇA

João Eduardo Andrade Tavares de Aguiar, Marcos Antônio Lima Carvalho, Loranny Santana Silva, Tawany Tavares Santos Vasconcelos, Mariana Cunha de Sousa, Barbara Rhayane Santos, Marcella Andrade Tavares de Aguiar, Joanna Severo, Andrezza Larissa Fernandes Souza, Anna Klara Bohland

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

Introdução: Em dezembro de 2019, casos de pneumonia de origem desconhecida foram relatados em Wuhan (China), em janeiro de 2020 verificou-se que foram causados pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Em março foi declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde.

Objetivo: Descrever a evolução epidemiológica da infecção pelo SARS-CoV-2 em Sergipe, de março a setembro de 2020.

Metodologia: Trata-se de um estudo retrospectivo e descritivo. Os dados foram obtidos junto à Secretaria Estadual de Saúde de Sergipe, sendo analisados através do programa Excel. Foram incluídos os pacientes residentes em Sergipe com diagnóstico confirmado laboratorialmente para SARS-CoV-2 durante o período de 15 de março a 15 de setembro de 2020. Foram calculados percentuais, coeficientes e a correlação (ρ).

Resultados: Durante o período, houve 75.203 casos confirmados pelo SARS-CoV-2 em Sergipe. Houve um aumento estatisticamente significativo do coeficiente de prevalência ($\rho = 0,95$) e em relação à incidência, foi menor ($\rho = 0,59$). O coeficiente de prevalência em 15 de setembro foi 3191,4/100000 habitantes. O coeficiente de incidência em 30 de julho foi de 745,4/100000 habitantes e 15 de setembro foi 118,2/100000 habitantes (redução de 530,4%). Foi testada 10,4% da população e dos pacientes positivos, 61,7% foram diagnosticados pelo RT-PCR, 37,4% pelo teste rápido e 0,9% pela pesquisa de anticorpos. A maior parte eram adultos jovens de 20-39 anos (44,4%), mulheres (56,1%), pardos (33,3%) e não apresentavam comorbidades (70,0%). Foram curados 91,5%, 5,6% estão em isolamento domiciliar e 0,3% internados. Dos internados, 43,7% em UTI e 56,3% em enfermarias. No período, ocorreram 1962 óbitos (letalidade de 2,6% e coeficiente de mortalidade 83,4/100000 habitantes): sendo a maioria homens (57,3%), pardos (34,1%), da faixa etária de 80 anos ou mais (24,3%) e com hipertensão arterial sistêmica (39,1%).

Discussão/Conclusão: Sergipe encontrava-se em 15 de setembro de 2020 em fase de redução da incidência, com letalidade menor que a média nacional, mas é preciso incrementar o diagnóstico laboratorial para orientar estratégias de atenção



à saúde, isolamento e biossegurança para profissionais de saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101167>

EP-090

A TELE-EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA



Alana Cardoso Alberto, Ana Luiza Vanolli, Lara Figueira Aguiar Cotica, Rafaela de Avellar Guedes Teixeira, Antonio Luiz Ribeiro, Lidiane Sousa

Centro de Telessaúde, Hospital das Clínicas, Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil
Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS), Belo Horizonte, MG, Brasil

Introdução: Durante a pandemia do novo coronavírus, a telemedicina consolidou-se como ferramenta de grande relevância tanto para leigos quanto para profissionais. Nesse contexto, a tele-educação tornou-se importante ferramenta de atualização e capacitação.

Objetivo: Avaliar o uso de ferramentas de tele-educação na atualização de leigos e profissionais da saúde durante a pandemia de coronavírus.

Metodologia: Foi elaborado um questionário com 12 perguntas no Google Forms. As respostas foram obtidas entre os meses de julho e agosto de 2020 e analisadas com auxílio Software estatístico SPSS for Windows?, utilizando-se estatística descritiva.

Resultados: 69 voluntários participaram da investigação, sendo 43 (62,3%) do sexo feminino e 26 (37,7%) do sexo masculino. A idade variou de 19 a 69 anos, sendo a mediana das idades de 33,5 anos. As respostas foram disponibilizadas por três diferentes grupos: estudantes de cursos da saúde - 20 (29%); 20 leigos (29%) e profissionais da saúde - 29 (42%). As mídias eletrônicas, mais utilizadas: rede social (91%), sites oficiais governamentais (5,6%) e 2,8% procuram informações em artigos científicos e boletins epidemiológicos. Em relação aos temas mais abordados, observou-se: dados epidemiológicos (37,7%), tratamento (24,6%), vacina (17,4%), prevenção (13%), testes e diagnósticos (2,9%), forma de transmissão (1,4%) e 5,7% dos participantes que não possuem algum interesse especial. O formato preferível para obtenção de conteúdo foi em texto (47,8%), no entanto 34,8% preferem em formato de vídeo, 15,9% em imagem e apenas 1,4% por áudio isolado. Quando analisados separadamente os subgrupos, observou-se que os dados apresentaram padrão semelhante em relação aos locais de busca de informação e temas procurados. Por outro lado, o formato da busca foi diferente. No grupo de leigos e estudantes, maior ocorrência de busca por vídeos, em detrimento aos demais formatos. No caso dos profissionais, o texto continuou sendo o mais procurado.

Discussão/Conclusão: A tecnologia tornou-se uma aliada como ferramenta de atualização e capacitação para profissionais e leigos. A tele-educação pode auxiliar nesse processo, devendo haver uma especificidade na produção do material. Os resultados aqui encontrados podem auxiliar na elaboração

de temas de maior procura e no formato mais adequado para cada perfil de consumidor do conteúdo, buscando a capacitação adequada e acima de tudo, a informação científica, responsável e de qualidade.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101168>

EP-091

DOSAGEM DE D-DÍMERO E INTERNAÇÃO HOSPITALAR EM PACIENTES COM DIAGNÓSTICO DE COVID-19



João Eduardo Andrade Tavares de Aguiar, Barbara Rhayane Santos, Joanna Severo, Marília Marques Aquino, Lucas Pires da Rocha, Brenda Vaz dos Santos, Mariana Cunha de Sousa, Marcos Antônio Lima Carvalho, Marcella Andrade Tavares de Aguiar, Rosana Cipolotti

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

Introdução: A doença do coronavírus 2019 (COVID-19) atingiu mais de 31 milhões de pessoas ao redor do mundo. Em Wuhan, China, onde iniciou o surto da doença, alguns estudos reconheceram que coagulopatia e níveis elevados de dímero D como fatores prognósticos iniciais em casos mais graves de pacientes com COVID-19.

Objetivo: Avaliar a correlação entre alteração de D-dímero de pacientes COVID-19 positivo à necessidade de internação destes pacientes.

Metodologia: Trata-se de um estudo observacional descritivo. A coleta de dados foi realizada entre os meses de abril a julho de 2020 por meio dos prontuários eletrônicos e do monitoramento dos pacientes com suspeita de COVID-19 do Centro de Tratamento da Síndrome Gripal do Instituto de Promoção e de Assistência à Saúde de Servidores do Estado de Sergipe. Os critérios de inclusão foram RT-PCR para coronavírus detectável e assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

Resultados: Foram atendidos 1927 pacientes durante o período. Destes, apenas 1020 apresentaram RT-PCR para coronavírus detectável. A média de idade dos pacientes avaliados foi de 44,3, sendo 639 (62,7%) mulheres e 381 (37,3%) homens. Em relação às comorbidades que correspondem a fatores de risco para tromboembolismo, 279 (27,3%) eram hipertensos, 263 (25,8%) obesos, 88 (8,6%) diabéticos e 18 (1,8%) tabagistas. Quanto à classificação de risco para COVID-19, 581 (57,0%) apresentavam grau leve, 348 (34,1%) grau moderado e 91 (8,9%) grau grave. De todos os pacientes avaliados, somente 159 (15,6%) realizaram triagem com dímero D, apresentando alteração apenas em 47 (29,6%) destes. Os pacientes com alteração do biomarcador foram classificados como: 8 (17%) de grau leve, 26 (55,3%) de grau moderado e 13 (27,7%) de grau grave. Dos 8 pacientes de grau leve, apenas 1 (12,5%) necessitou de internação, sem uso de anticoagulante. Dos 26 de grau moderado, somente 2 (7,7%) necessitaram de internação, com uso de anticoagulante em ambos. Dos 13 graves, 4 (30,8%) necessitaram de internação, mas só 2 (15,4%) utilizaram anticoagulante e 1 (7,7%) admitido na UTI. Houve 2 óbitos entre os pacientes com D-dímero alterado, sendo 1 de grau leve (não